

SAÚDE É EQUILÍBRIO INSTÁVEL

Há alguns anos publiquei um artigo no Jornal do Brasil inspirado numa instalação que presenciei em uma feira de arte internacional que se realizou em São Paulo. O artigo transformou-se em uma questão de vestibular na área de conhecimentos gerais e língua portuguesa. Trago parte dele como o Editorial deste número 85 Volume 2 da Revista de Homeopatia porque redescubro que precisamos voltar a discutir não apenas o Estado da Arte, mas revalorizar um dos fundamentos da nossa abordagem em saúde.

O desenvolvimento tecno-científico, aplicado às ciências da saúde, conseguiu notável eficácia e controle sobre uma quantidade apreciável de doenças. Mas este mesmo controle, infelizmente, não se estendeu a uma concepção de saúde mais sutil. O máximo que se fez foi contemporizar colocando a palavra “humanismo” na frente dos postos de saúde, clínicas e hospitais. O cuidado, a apreciação subjetiva dos sintomas, a rede de apoio e solidariedade para quem está perdendo a saúde e até a cumplicidade frente ao desespero de quem enfrenta sofrimento muitas vezes não realmente estão dentro do mainframe dos critérios que norteiam a prática científica, que geralmente prioriza outros aspectos como categorias de sucesso.

Trata-se de um grande equívoco

Como negar que as necessidades de cuidado estão para bem além de drogas eficientes e hospitais modernos? Como ignorar que numa sociedade enferma a saúde tenda a ser progressivamente mais instável? Estamos isolados e, ao mesmo tempo nossa interdependência aumentou, pois como se sentir bem com tanta violência, injustiça social e competição? Como ser saudável numa sociedade que se esqueceu do sentido mais íntimo da cidadania? A resposta talvez esteja no espaço interno. Saúde e sentido correm juntos e dependem da direção que queremos imprimir às nossas vidas. Uma vida que não faz mais sentido, passa, automaticamente, a ser insalubre. E o único que pode atribuir sentidos é o próprio sujeito. Para alcançar a paz e algum grau de justiça social podemos prescindir da luta de classes. Por isso é urgente recuperar o valor da subjetividade e resgatar as sutilezas das experiências.

Uma boa metáfora para a saúde seja a instalação interativa “equilíbrio instável” de uma recente

exposição de arte internacional que se realizou no Brasil. Ali centenas de pequenas peças de acrílico como mesquitas, igrejas, sinagogas e outros templos e edificações eram colocadas em cima de uma grossa mesa circular de vidro, suspensa por um cabo de aço bem no centro. O desafio era mover uma peça sem desequilibrar o tampo de vidro. O objetivo era mover as peças, sem que as oscilações do tampo chegassem a derrubar tudo. Um minúsculo movimento em cada elemento provocava grande turbulência no todo. A analogia com as doses infinitesimais – e a introdução do sinal medicamentoso – é auto evidente. Quem experimentou mover as peças sabe: não dá para confiar nos instintos. Num mundo repleto de oscilações drásticas e em tempos de intolerância crescentes essa reflexão é vital. O equilíbrio instável é pedagógico: a única ancora que vale é a de dentro!

Neste número trazemos artigos de Bruno Coutinho de Oliveira: duas revisões de literatura científica “Família kali: natureza e sintomatologia, uma revisão”, “A Homeopatia Como Prática Integrativa Na Medicina De Família: Uma Revisão Narrativa Da Literatura’ levantamento relevante pois correlaciona a homeopatia como arte médica e sua vertente de promoção da saúde com a medicina da família e das comunidades. e um interessante relato de dois casos de clínicos em “Homeopatia em disidrose palmar; revisão e dois relatos de casos”.

Publicamos também uma outra ampla revisão sistemática de um tema muito importante: “Abordagem homeopática no tratamento das doenças alérgicas: uma revisão sistemática” artigo por Laniel Aparecido Bueno.

O próximo artigo “Descrição do perfil sociodemográfico dos pacientes atendidos pelo serviço de homeopatia da 7ª enfermagem da santa casa da misericórdia do Rio de Janeiro.” de Ana Veronica de Sá Rezende e colaboradores. Os autores apresentam uma reflexão atual, relevante e com potencial para ampliar o desenvolvimento do eixo ensino-pesquisa-assistência no âmbito das instituições acadêmicas e do sistema público de saúde brasileiro.

Em seguida trazemos um interessante artigo na área da Veterinária “Uso de complexo homeopático no tratamento e controle de carrapatos em vacas com aptidão leiteira: relato de caso em três propriedades

de agricultura familiar” de autoria de Vanessa Cristina Dalprai paz e colaboradores.

Trazemos um artigo deste Editor “O significado singular do adoecimento e outras dignidades conceituais em ciência” buscando situar o epistemologia médica e a semiologia num contexto histórico, mostrando o conflito entre os racionalistas e os empíricos e porque as idiosincrasias são fundamentais para compreender o processo de saúde-enfermidade.

Finalizamos com um texto histórico, “Introdução para a primeira tradução da edição original inglesa

do Organon”, pelo médico inglês Charles Wheeler. Trata-se da primeira tradução para o inglês da primeira edição do Organon – original de 1810 – de Samuel Hahnemann publicada em Londres em 1913. Aqui trazemos na íntegra uma inédita versão traduzida para o português.

Boa leitura a todos.

Paulo Rosenbaum

Editor da Revista de Homeopatia da APH

HEALTH IS AN UNSTABLE BALANCE

A few years ago, I published an article in Journal do Brasil called “Equilíbrio Instável” (Unstable Balance) inspired by an installation exhibited at an international art fair held in Brazil. The article became a question for a college entrance exam in general knowledge and Portuguese language. I am including part of it as the Editorial of this issue 85, Volume 2 of the APH Homeopathic Journal because I rediscover that we need to return to discussing not only the State of the Art, but also to revalue one of the foundations of our approach to health.

Techno-scientific development, now expanded by the use (and abuse) of artificial intelligence applied to health sciences, achieved remarkable effectiveness and control over an appreciable amount diseases. AI can be a powerful tool in many areas, including homeopathy. But what are its limits? To what extent can it replace the medical function? This same control mentioned above, unfortunately, has not extended to a more subtle conception of health. The most that was done was to temporize placing the word “humanism” in front of health posts, clinics and hospitals. Care, subjective assessment of symptoms, the support and solidarity network for those who are losing their health and even complicity in the face of despair and the mental suffering of those facing an illness are often not within the mainframe of criteria that guide standard scientific practice, which generally prioritizes other aspects such as categories of success.

This is a big mistake

The recent tragedy of the pandemic should have been more instructive. How to deny that care needs are far beyond efficient drugs, highly complex pro-

cedures and modern hospitals? How can we ignore that in a society. Does the health of a sick person tend to become progressively more unstable? We are isolated and at the same time our interdependence has increased, because how can you feel good with so much violence, social injustice and wild competition? How to be healthy in a society that has forgotten the most intimate sense of citizenship? The answer may lie in each person’s inner space. Health and meaning go hand in hand and depend on the direction we want to give to our lives. A life that no longer makes sense automatically becomes unhealthy. And the only one who can attribute meanings is the subject itself. To achieve peace and some degree of equity we can do without class struggle. That is why it is urgent to recover the value of subjectivity and rescue the subtleties of experiences. Subject medicine is a response so that medicine can recover its original scope and include mental health, the subjective feeling of well-being.

The interactive installation “unstable balance” presented in the a before mentioned art exhibition is therefore a good metaphor for health. There, hundreds of small acrylic pieces how mosques, churches, synagogues and other temples and buildings were placed on top of a thick circular glass table, suspended by a steel cable right in the center. The challenge proposed to the participant was to move a piece without unbalance the glass top. The aim was to respect the oscillations of the top and avoid knocking over the delicate pieces. A tiny movement in each element caused great turbulence throughout. The analogy with infinitesimal doses – and the introduction of the drug signal – is self-evident. Whoever tried to move the pieces know we can’t trust

our instincts. In a world full of drastic fluctuations and in times of growing intolerance, this reflection becomes vital. The unstable balance is pedagogical: the only anchor that is valid and can offer us meaning is the one within!

In this issue we bring articles by Bruno Coutinho de Oliveira: two reviews of scientific literature “Kali family: nature and symptomatology, a review”, “Homeopathy as an Integrative Practice in Family Medicine: A Narrative Review of the Literature”, a relevant survey as it correlates homeopathy as a medical art and its health promotion aspect with family and community medicine. and an interesting case report in “Homeopathy in palmar dyshidrosis, review and two case reports”.

We also published another broad systematic review of a very important topic: “Homeopathic approach in the treatment of allergic diseases: a systematic review” article by Laniel Aparecido Bueno.

The next article “Description of the sociodemographic profile of patients treated by the homeopathy service of the 7th ward of the Santa Casa da Misericórdia in Rio de Janeiro.” by Ana Veronica de Sá Rezende and collaborators. The authors present a current, relevant reflection with the potential to expand the development of the teaching-research-care

axis within academic institutions and the Brazilian public health system.

Next, we bring an interesting article in the Veterinary area “Use of complex homeopathic treatment and control of ticks in dairy cows: case report on three family farms” by Vanessa Cristina Dalprai Paz and collaborators.

We bring an article by this Editor “The singular meaning of illness and other conceptual dignities in science ” seeking to situate medical epistemology and semiology in a historical context, showing the conflict between rationalists and empiricists and why idiosyncrasies are fundamental to understanding the health-illness process.

We conclude with a historical text, “Introduction to the first translation of the original english edition of Organon”, by the English physician Charles Wheeler. This is the first translation into English of the first edition of the Organon – originally from 1810 – by Samuel Hahnemann published in London in 1913. Here we bring you an unpublished version translated into Portuguese in its entirety.

Good reading to everyone.

Paulo Rosenbaum

Editor of the APH Homeopathy Journal